

06/09/2016 às 05h00

O jogo do dinheiro

Por Luiz G. Belluzzo e Gabriel Galípolo



Em homenagem a Jodie Foster

Larry Summers cunhou o termo "estagnação secular" para descrever a atual fase da economia. Segundo Paul Krugman temos uma "economia diabética", comparando as baixas taxas de juros com injeções de insulina. O dinheiro barato fala da possibilidade de o

mundo "estar se tornando japonês". Joseph Stiglitz afirma que as grandes corporações estão sentadas em centenas de trilhões de dólares, pois já detêm capacidade produtiva em excesso, sendo um delírio acreditar que as empresas construirão mais simplesmente porque a taxa de juros se moveu ligeiramente para baixo.

O FMI batizou a presente indolência das economias de "novo medíocre" e o BIS, em seu último relatório anual, demonstrou novamente preocupação quanto aos números do sistema financeiro internacional, a instável natureza das peculiarmente baixas taxas de juros e o perigo do crescimento impulsionado pelas dívidas.

Após o "quantitative easing" liquidez continua represada na posse dos controladores da riqueza velha

No artigo "O capital está de volta", Thomas Piketty e Gabriel Zucman revelam a evolução da relação entre riqueza e renda desde o século XVIII. Analisando as oito maiores economias desenvolvidas do mundo, a participação da riqueza agregada sobe de

aproximadamente 200% a 300% em 1970 para 400% a 600% atualmente.

A curva que expressa a evolução dessa relação apresenta o formato de "U", com queda acentuada na participação da riqueza agregada sobre a renda no período que compreende as duas grandes guerras mundiais e a Grande Depressão. A tendência se inverte de forma mais acentuada a partir dos anos 70 do século XX. Segundo os autores "as guerras mundiais e as políticas anticapital destruíram uma grande fração do estoque de capital mundial e reduziram o valor de mercado da riqueza privada, o que é improvável ocorrer novamente na era dos mercados desregulados. Em contraposição, se há redução no crescimento da renda nas décadas à frente, então as relações riqueza-renda podem se tornar altas praticamente no mundo todo".

A riqueza agregada é o estoque de direitos de propriedade e títulos de dívida gerados ao logo de vários ciclos de criação de valor. A renda nacional é o fluxo, investimento, consumo, o próprio valor em movimento. A contraposição e simbiose entre essas formas do valor existe dentro do processo de produção: a busca pela competitividade e mercado amplia o emprego de máquinas (trabalho morto) em detrimento do número de trabalhadores (trabalho vivo), ao mesmo tempo que depende deste último para a produção e realização do valor.

O empregador não se confronta com seu trabalhador como produtor frente ao consumidor, logo deseja limitar ao máximo sua despesa com salário e, conseqüentemente, seu consumo. Naturalmente, ele também deseja que os trabalhadores empregados por outros sejam os maiores consumidores possíveis de sua mercadoria.

Tais movimentos antagônicos são frequentemente associados a momentos de



Mensagens dos leitores

Fundos de pensão

Finalmente a Justiça chega ao iceberg dos fundos de pensão. O processo de saqueamento ao patrimônio do fundos de pensão das estatais têm sido sistemáticos por pelo menos 30 anos, sendo comandados por políticos e sindicalistas. Esse rombo é maior que o do mensalão e petrolão somados.

06/09/2016 às 05h00 - Claudio Juchem -

Trabalho infantil

Sob o slogan cunhado para seu segundo mandato - "Brasil, pátria educadora" -, Dilma parecia querer patrocinar uma revolução na educação. Foi com tal objetivo que teria nomeado o professor Renato Janine Ribeiro como titular do MEC. No entanto, ele foi substituído rapidamente nas barganhas políticas. O que causa espanto e indignação é a reportagem...

06/09/2016 às 05h00 - Dirceu Luiz Natal -

Impeachment


O artigo 102 da Constituição federal estabelece a competência do Supremo Tribunal Federal (STF) para prover a guarda da Constituição. Não há menor dúvida, no entanto, que o seu artigo 52 foi descumprido, quando o Senado, presidido pelo presidente daquela suprema Corte, cassou o mandato de Dilma Rousseff mas, num esdrúxulo fatiamento, preservou o seu...


06/09/2016 às 05h00 - Paulo Roberto Gotaç -

Ver todas | Envie sua mensagem


Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

O jogo do dinheiro 
05h00

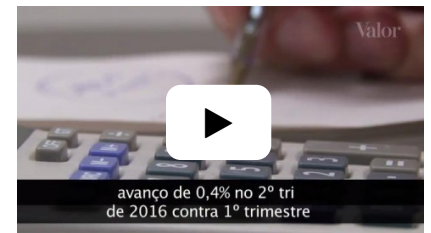
Manobra do Senado é uma séria afronta à
Constituição 
05h00

Ratificando Paris e depois... 
05h00

Os muitos extremos de Trump 
05h00

[Ver todas as notícias](#)

Vídeos



Possibilidade de recuperação parece ser lenta e modesta
05/09/2016



O jogo do dinheiro | Valor Econômico
insuficiência de demanda ou superprodução, com deflação de ativos. A desvalorização da riqueza é constitutiva do movimento sempre revolucionário de expansão do capitalismo, descrito por Schumpeter como "destruição criadora".

Ao longo do século XX políticas econômicas foram forjadas sob o receio de reedição do desastre social e econômico ocorrido na Grande Depressão, almejando estabilizar uma economia com fortes inclinações à instabilidade.

As políticas anticíclicas da era keynesiana cumpriram o que prometiam ao sustar a recorrência de crises de "desvalorização de ativos". Mas, ao garantir o valor dos estoques de riqueza já existente, as ações de estabilização ampliaram o papel dos critérios de avaliação dos Mercados da Riqueza nas decisões de gasto de empresas, consumidores e governos.

Nos últimos 40 anos, os bancos centrais, sob os auspícios dos modelos Dinâmicos Estocásticos de Equilíbrio Geral e da regra de Taylor comemoravam a baixa inflação e as taxas de juros moderadas. Imperceptível para as hipóteses e testes empíricos dos cientistas da sociedade, a "exuberância irracional" se esgueirou à sombra das ignorâncias para implodir as certezas em 2008. A partir de então, os riscos de ulteriores desvalorizações dos estoques da riqueza já existente transformaram-se na ocupação primordial dos bancos centrais.

As injeções de liquidez concebidas para evitar a deflação do valor dos ativos já acumulados incitaram colateralmente a conservação e valorização da riqueza na sua forma mais estéril, abstrata, que, em contraposição à aquisição de máquinas e equipamentos, não carrega qualquer expectativa de geração de novo valor, de emprego de trabalho vivo. O que era uma forma de evitar a destruição da riqueza abstrata provocou o necrosamento do tecido econômico.

Após o "quantitative easing" a liquidez assegurada pelos bancos centrais permanece represada na posse dos controladores da riqueza velha, o rastro real e financeiro da riqueza já acumulada. Os controladores da riqueza líquida rejeitam a possibilidade de vertê-la em criação de riqueza nova, com medo de perdê-la nas armadilhas da capacidade sobrando e do desemprego disfarçado nos empregos precários com rendimentos cadentes.

Desamparados do empuxo da demanda, os bancos centrais rebaixam suas taxas de juros para o sub-zero, tentam mobilizar a liquidez empoçada para o crédito e do crédito para a demanda de ativos reais ao longo do tempo. Ainda intoxicados pela metabolização dos ativos ingeridos em seus balanços para salvar o sistema financeiro em 2008, os governos hesitam em estimular a economia pela política fiscal.

A despeito das vacilações da austeridade, a relação dívida/PIB cresceu nos Estados Unidos e na Zona do Euro. O denominador (PIB) cresce pouco, mas o numerador se expandiu rapidamente graças à demanda quase infinitamente elástica de segurança e liquidez. Os preços dos títulos dos Tesouros vão às alturas. Nos últimos 12 meses o yield dos títulos do Tesouro americano com vencimento em 5 anos caiu 23%, para os que vencem em 10 anos a queda foi de 28% e para os de 30 anos foi de 24%. Não por acaso, a doutora Janet Yellen, faz que vai, mas não vai: podem ser muito desagradáveis os efeitos de uma subida da taxa de juros. Entre a taça e os lábios, o líquido pode derramar.

Luiz Gonzaga Belluzzo, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda é professor titular do Instituto de Economia da Unicamp, escreve mensalmente às terças-feiras. Em 2001, foi incluído entre os 100 maiores economistas heterodoxos do século XX no Biographical Dictionary of Dissenting Economists.

Gabriel Galípolo é professor do departamento de economia da PUC/SP, é sócio da Galípolo Consultoria

 Compartilhar 4

 Tweet

 Share

 G+ 0



